



DEUS DA LUZ: Um olhar dos nativitanos sobre o vídeo-documentário¹

Poliana Macedo de Sousa²

Universidade Federal do Tocantins - UFT

Prof. Ms. Frederico Salomé Oliveira³

Universidade Federal do Tocantins - UFT

RESUMO

Relata o processo de organização da festa do Divino Espírito Santo em Natividade. Analisa a produção e abordagem utilizada no vídeo-documentário, buscando entender a visão que a comunidade nativitana teve em relação ao mesmo. Utiliza entrevistas livres, revisão bibliográfica e aplicação de questionários abertos como coleta de dados. Aponta como principal resultado, que o vídeo-documentário agradou a comunidade, porém necessita de complementação, ou seja, o acréscimo de elementos mais significativos relativos à festa do Divino para sua melhor representação.

Palavras-chave: Folkcomunicação. Cultura popular. Vídeo-documentário. Festa do Divino Espírito Santo.

Cultura, Teorias e a Construção da Tradição

Na América Latina, pesquisadores começaram a fazer uma releitura do que era popular e do que era cultura, e não se restringiram apenas aos estudos das práticas populares massificadas, mas sim a uma análise dos meios massificantes.

Nesse novo horizonte de problemas identificados pelos pesquisadores, abrem-se debates nos quais estão redefinidos os sentidos tanto da cultura quanto da política entre outros, e onde a problemática da comunicação não é apenas temática e quantitativa, mas também qualitativa. Fazendo com que houvesse uma preocupação com os estudos em torno da cultura, tendo por consequência uma redefinição desse termo.

¹ Trabalho apresentado no NP 17 – Folkcomunicação VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Trata-se de resultado da monografia de conclusão de curso apresentada na UFT.

² Bacharel em Comunicação Social (Habilitação Jornalismo) pela Universidade Federal do Tocantins. E-mail: polimacedo@gmail.com

³ Professor Assistente na Universidade Federal do Tocantins – UFT, Bacharel em Comunicação Visual (UEMG) e Mestre pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.



Com essa redefinição dos termos que rondam as pesquisas na área cultural, muitos termos como cultura popular, tradição e folclore causam confusões, pois essa miscelânea de significados faz com que aparentem ser idênticos, porém diferem nas suas atribuições, estando assim, muitas vezes inseridos um no contexto do outro.

A cultura surgiu, de fato, da tradição e falar de tradição é falar em popular. O termo cultura popular apresenta um emaranhado de significados definidos por diversos autores. Porém, utilizaremos o conceito apresentado por Ortiz (2001, p.162) ao afirmar que o entendimento da cultura popular só é possível quando referido a uma ‘substância de cultura’ pertencente ao passado. A cultura é nada mais do que uma tradição desenvolvida através de inúmeras gerações ou estimulando a ação criativa do indivíduo. Canclini (2006, p.160) acrescenta que:

Esse conjunto de bens e práticas tradicionais que nos identificam como nação ou como povo é apreciado como um dom, algo que recebemos do passado com tal prestígio simbólico que não cabe discuti-lo. As únicas operações possíveis – preservá-lo, restaurá-lo, difundí-lo – são a base mais secreta da simulação social que nos mantêm juntos.

Portanto, entende-se tradição (no sentido mais amplo) como tudo aquilo que uma geração herda das suas precedentes e lega às seguintes, sendo que os seus aspectos específicos devem ser vistos em contextos próprios, como a tradição cultural, a tradição religiosa, a tradição familiar e outras formas de perenizar conceitos, experiências e práticas entre as gerações (ENCICLOPÉDIA, 2006).

A cultura popular vive através do folclore, da literatura popular, da religiosidade, das lendas, entre outras formas de expressão. Ela constrói um campo relevante da comunicação em sociedade, ou seja, o folclore está inserido nas tradições e as tradições estão inseridas na cultura popular, um atuando como base para o outro.

Quando abordamos sobre cultura popular, tradição e misturando a esses termos o folclore, deparamos-nos com duas teorias que embasam essa pesquisa: a dos Estudos Culturais e a da Folkcomunicação. Enquanto a primeira trata, resumidamente falando, da recepção dessas culturas populares em relação aos meios de comunicação, a segunda tratará da assimilação desses meios de comunicação em relação às culturas populares.

Tendo como base o pressuposto de um receptor como sujeito ativo, observamos as festas populares inseridas nesse contexto de expansão e socialização apresentadas pela teoria da Folkcomunicação, são manifestações que decorre do povo e que geralmente são transmitidas de geração a geração, independente das modificações decorridas durante esse tempo. Sobre a teoria da Folkcomunicação de acordo com Hohlfeldt (2002) pôde ser entendido que:

[...] é o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se socializam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação



massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos.

Estabelecendo uma relação entre essas duas teorias, e avaliando o suporte teórico oferecido, além de analisar o processo de organização da festa popular do Divino Espírito Santo, constata-se que as festas populares atuam como um meio comunicacional. Sua recepção e entendimento dependem de vários fatores sendo que o principal deles vem da tradição que essa comunidade possui, ou seja, da sua relação no dia-a-dia, da sua cotidianidade.

Tanto a tradição quanto a cotidianidade atuam como um ciclo virtuoso, pois sem a cotidianidade não construímos a tradição e sem a tradição a sociedade não possui embasamentos para que construa sua cotidianidade.

Sousa (2004, p. 382), afirma que “a continuidade das tradições, ou sua reinvenção e refuncionalização, depende, porém, das relações que a cultura popular estabelece com a cultura dominante”. Essa cultura dominante, grosso modo, seria a que geralmente é transmitida pelos meios de comunicação, e que apesar disso nada impede que as tradições tenham e mantenham o seu lugar na sociedade.

Neste contexto, tudo que está incluso na sociedade e é considerado como tradição dentro de uma comunidade passa por esse processo de mudança, assim como as comidas típicas, danças, as festas populares, festas religiosas, entre outros. E, pegando como ponto de partida da nossa pesquisa as festas populares e religiosas, a partir da citação de Canclini (2006), pode-se dizer que as mesmas, na sua maioria, são manifestações culturais tradicionais, e agem como puras e simples reformulações do que já foi vivido, atuando como em um teatro, ou seja, apenas representando aquilo que aconteceu, o que é tradição para a comunidade, e fazendo com que essa manifestação faça parte da cotidianidade dos mesmos.

Portanto, a tradição passou a ser considerada um “produto de uma encenação, na qual se escolhe e se adapta o que vai ser representado, de acordo com o que os receptores podem escutar, ver e compreender. [...] Só a fé cega feticheiza os objetos e as imagens acreditando que neles está depositada a verdade” (CANCLINI, 2006, p. 200-201).

As tradições vão além das comunidades em que se iniciaram, elas ultrapassam barreiras, complementam e incorporam novos valores com o passar do tempo, como no caso das festas populares que

[...] se caracterizam como processos comunicacionais, na medida em que agentes socialmente desnivelados operam intercâmbios sógnicos, negociam significados e produzem mensagens coletivas, cujo conteúdo vai se alterando conjunturalmente, sempre de acordo com a correlação de forças em movimento. [...] As antigas tradições vão sendo substituídas por novos padrões de interação sociocultural. A mídia e as instituições comerciais transformam as festas em espetáculos coletivos, fruídos por usuários dispersos, muitas vezes convocados aleatoriamente, até



mesmo fora dos calendários cívicos ou religiosos (MARQUES DE MELO, 2000, p. 60).

A cotidianidade é a principal responsável pela construção e transformação das tradições e das manifestações que derivam dela, devido a influência dos meios de comunicação ao inserir novos signos e o próprio desenvolvimento da sociedade com o passar dos anos, com a busca pelas melhorias tanto em nível individual quanto coletivo.

A Mediação da Recepção

Ao considerar o ato de mediar como interceder e fazer algum tipo de inter-relação e, relacionando com o tema, podemos entender que a mediação de acordo com Polistchuck (2003, p. 148) são estratégias de comunicação as quais o ser humano representa a si próprio e aquilo que se passa em seu entorno, fazendo com que ocorra uma positiva produção de sentidos, a serem propostos e transacionados, e, finalmente, partilhados.

Poderíamos dizer que se trata também de ‘respostas do destinatário’ onde estariam vinculadas aos cenários em que este último evolui, determinando-se, assim, o lugar e o momento da recepção. Essas mensagens enviadas através dos meios de comunicação e recebidas pelo indivíduo serão interpretadas e por mais que ele as repasse em seus ambientes de convívio social, ela só será ‘digesta’ e apropriada para si de acordo com o modo de vida que o indivíduo tem e como são seus costumes, ou seja, sua tradição.

As mediações se interpõem entre duas racionalidades, referentes ao sistema de produção de mensagens e os esquemas de uso a que serão submetidas. A partir desse ponto, Martín-Barbero (2003, p. 304) propõe que analisemos três lugares de mediação: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural.

Ao falarmos sobre a cotidianidade familiar, a família age como seletora de conteúdos, pois é no ambiente familiar que se constroem os costumes e os hábitos que o indivíduo tem como referência para possíveis assimilações decorrentes dos meios de comunicação, e podemos afirmar ainda, que é da família também, que obtemos a nossa tradição, como dito anteriormente. A “proximidade dos personagens e dos acontecimentos: um discurso que familiariza tudo torna próximo até o que houver de mais remoto e assim se faz incapaz de enfrentar os preconceitos mais familiares” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 307).

A temporalidade social vai nos remeter ao tempo em que estamos habituados, que tempo em que vivemos como utilizaremos as mediações a partir do retrato que temos da sociedade em que estamos convivendo. E por último, temos a competência cultural que é onde o indivíduo utiliza seus modos de ver, considerar e fazer uso de produções e produtos a ele, em princípio, destinados. Martín-



Barbero (2003, p. 311) nos apresenta ainda que do mesmo modo que a dinâmica cultural da televisão atua pelos seus gêneros, é a partir deles que ela ativa a competência cultural no indivíduo e o seu modo dá conta das diferenças sociais que a atravessam.

Ao fazer um elo com os Estudos Culturais, no que tange o estudo da recepção, e a teoria da Folkcomunicação percebemos que as tradições estão se modificando com o auxílio dos meios de comunicação, do cotidiano familiar e do próprio desenvolvimento da sociedade. Há uma apropriação dessas tradições, em que elas estão gradativamente sendo transformadas não só através dos meios de comunicação, mas também pela comunidade, em hábitos cotidianos, como ao festejarem alguma divindade, sejam na mudança de data, mudanças de ritos e costumes.

A mediação é um filtro para os indivíduos, ela que seleciona o que deve ser ‘agregado’ aos hábitos, costumes e até na transmissão das tradições. Podemos entender que se o meio sofre o processo de numerosas mudanças, a mediação a partir da qual esse meio opera social e culturalmente é uma das principais responsáveis, pois é a partir dela que os filtros entram em ação.

Martín-Barbero (2003) afirma que a própria noção de cultura e sua significação social estão sendo transformada pela produção e reprodução midiática da mesma. Contudo, afirma também que por mais que a noção de cultura e de tradição mude com o passar do tempo e da influência dos meios de comunicação, a comunidade modela os hábitos passados pela mídia de acordo com os seus modos de ver, com sua organização de tempo e espaço cotidianos.

Festa do Divino: Teorias, Ritos e um Vídeo

Muitos pesquisadores contam várias versões para o surgimento da festa do Divino no mundo e especialmente, no Brasil. Em grande parte da bibliografia pesquisada encontramos várias ‘teorias’ para explicar a festa, porém a versão mais conhecida e difundida entre os pesquisadores é de que a devoção ao Divino Espírito Santo veio de Portugal no começo do século XIV. De acordo com Pereira (2005, p. 24):

Vemos em grande parte da bibliografia relacionada à comemoração ao Divino, que o seu mito de origem está ligado à Vila de Alenquer, em Portugal, no começo do século XIV, iniciada pela Rainha Santa Isabel. São inúmeros os relatos do começo desta celebração, como um sonho da santa, uma visão onde teriam que erguer na Vila de Alenquer uma igreja dedicada ao Divino Espírito Santo; ou, para apaziguar a briga entre o filho com o seu marido (Rei Don Diniz), realizou uma festa ao Divino (LEAL, 1994, p. 152). Neste dia, a Rainha abdicava de seu trono, coroando um plebeu que “comandava” o Império durante o período festivo. Também havia uma distribuição de comida aos pobres, chamada de “Bodos” ou “Vodos”.

No Brasil, encontramos a festa do Divino de norte ao sul do Brasil, sendo organizada e festejada de maneira peculiar em cada região, seja do litoral brasileiro ao oeste do país. Podemos citar, por exemplo, a realização das festas do Divino no interior de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e muitos



outros lugares, até os índios Karipuna no interior do Amapá, praticamente na divisa com a Guiana Francesa celebram o culto ao Divino Espírito Santo (CLETISON, 2006).

No Tocantins, as festas vão de janeiro a julho, de acordo com as características de cada localidade. Em Monte do Carmo a celebração ao Divino Espírito Santo foi aproximada à época da festa da padroeira da cidade, passando a ter data fixa para a sua realização, dia 16 de julho. Natividade mantém a tradição da data móvel (TOCANTINS, 2006).

Em Natividade, nosso campo de estudo, não se sabe ao certo como se iniciou a celebração ao Divino Espírito Santo. Cremos que veio junto com os colonizadores na época das minerações, no século XVII, no então Arraial de Natividade, província de Goiás.

Natividade é uma cidade histórica do estado do Tocantins, fundada na segunda metade do século XVIII pelos portugueses, possui edificações seculares e mantém preservadas muitas crenças, tradições folclóricas e festas religiosas, além do artesanato e culinária típicos.

A Festa do Divino Espírito Santo faz parte do cotidiano da comunidade de Natividade que, além de envolvê-la em toda programação, muda seus hábitos e sua rotina em contemplação dessa tradição cultural folclórica que foi repassada de geração a geração.

De acordo com Simone Camelo Araújo, pesquisadora nativitana, há dados que confirmam que a festa começou a ser celebrada no ano de 1904 com Hemenegildo da Silva. Esses dados são da memória de Leofácia Araújo, nativitana, que fez um resgate de todos os imperadores do ano de 1904 até o ano de 1980 para os arquivos da Associação Comunitária Cultural de Natividade - ASCCUNA. A partir da década de 80 até a atualidade, esse registro ficou a cargo da Paróquia Nossa Senhora de Natividade e da própria associação (informação verbal)⁴. Desde então ela é realizada anualmente e conta com a participação da população em todos os detalhes, sejam na preparação da festa ou simplesmente, como devotos.

A maior parte dos ritos e rituais presentes na festa do Divino seguem um padrão em todas as regiões do país. Seus preparativos ocorrem de maneira organizada e, geralmente, com um ano de antecedência, com o sorteio do Imperador e Capitão do Mastro do ano seguinte.

Em Natividade, a festa é composta por personagens fixos, como o Imperador e a Imperatriz, o Capitão do Mastro, o Despachante, os foliões, o Alferes, os Arrieiros, os Caixeiros e o Procurador da Sorte. Cada um desempenha uma função dentro da festa do Divino (DEUS DA LUZ, 2003).

O Despachante tem o papel de organizar a folia junto com os foliões e fica responsável pela parte financeira de um grupo e cuida da família dos foliões. O Capitão do Mastro é o responsável pela

⁴ Entrevista concedida no dia 11 de janeiro de 2007.



organização da festa e da levantada do mastro. Após a Esmola Geral, ele é carregado da sua casa até a porta da Igreja Matriz no mastro de aproximadamente cinco metros.

Os foliões são os devotos do Divino, eles percorrem junto com a folia a zona rural, os povoados e cidades circunvizinhas. Eles são os músicos que compõem, cantam catiras e rodas, tocam e dançam onde chegam com a bandeira do Divino. Seu Belamino Ferreira (DEUS DA LUZ, 2003), folião e devoto do Divino, afirma que o papel do folião no Giro e na festa, “é uma missão evangelizadora, que cada um de nós que sentimos comprometidos com o Giro da folia, nós temos essa obrigação de evangelizar, porque ser folião é se considerar enviado do Espírito Santo, é aqueles discípulos que Jesus enviou”(sic).

O Procurador da Sorte é responsável pela procura das pessoas que vão participar do sorteio na Missa Solene, do próximo Imperador e Capitão do Mastro, além da coroação do Imperador no Domingo de Petencostes.

Alguns personagens mudam de nome em cada região do país, porém suas funções em relação ao Divino permanecem as mesmas: realizar uma festa de agradecimento ao Divino e fazer com que essa tradição seja sempre mantida, independente de classe social em que os personagens se encontram.

Amaral (2005, p. 202) afirma que aqueles que se comprometem com os festejos do Divino redefinem-se como integrantes de um sistema de posições e relações que apesar de algumas vezes derivarem de relações que acontecem em outras áreas da sociedade local, somente possuem valor dentro da situação da festa e de seus vários rituais.

A presença da igreja na festa do Divino em Natividade é vista como uma base para a realização dessa festa popular. Simone afirma que a grande responsabilidade para a realização da festa do Divino vem de quem está dirigindo a paróquia da cidade, pois alguns padres são favoráveis e outros não, na realização das folias. “O padre que se encontra hoje na cidade de Natividade, por ser ligado a essas tradições e por ser da região, exige que aquele que for sorteado na Missa Solene, despache as folias e realize a festa do Divino”(informação verbal)⁵.

Considerada uma festa de agradecimento, a festa do Divino, de acordo com Maynard (1973, p. 15), também desperta a coesão social, a cooperação, onde há um tipo de promessa que é paga com o trabalho, com a ajuda na preparação da festa entre outros.

O envolvimento da comunidade é um fator impressionante, toda a comunidade se envolve nos trabalhos. Independentes dos festeiros, há sempre pessoas voluntárias se dispondo a executar o serviço [...] a tradição se mantém devido essa grande participação da comunidade (DEUS DA LUZ, 2003).

Thompson (1998, p. 162) diz que certas tradições e sistemas de crença tradicionais continuavam a ter uma significativa presença ainda no século XX, desempenhando um papel importante na vida

⁵ Entrevista concedida no dia 11 de janeiro de 2007.

cotidiana de muitos indivíduos. Contudo foram transformando-se à medida que seu conteúdo simbólico foi sendo assumido pelos novos meios de comunicação.

Alguns aspectos da festividade em Natividade foram se adequando com as necessidades e disponibilidades da comunidade. De acordo com Simone Camelo Araújo, as Cavalhadas⁶ foram suprimidas no ano de 1925 e em meados da década de 90, a festa do Divino estava descaracterizando-se, pois “as pessoas distribuíam cerveja e hoje nós alteramos isso para o licor, que uma bebida mais tradicional”(informação verbal)⁷.

A pesquisa analisou o vídeo-documentário “Deus da Luz – Festa do Divino”, gravado no ano de 2003, que é um projeto de profissionais do meio jornalístico e publicitário de Palmas e Natividade. O trabalho englobou também uma exposição fotográfica e material impresso com o objetivo de contribuir para a documentação e divulgação da Festa do Divino Espírito Santo, a qual é considerada uma das principais expressões da cultura popular tocantinense.

Com aproximadamente vinte minutos de duração, o vídeo-documentário faz uma cobertura geral de todas as etapas para a preparação e realização da festa. O vídeo-documentário exhibe desde o preparo das comidas e bebidas típicas que são ofertadas durante os festejos, os quarenta dias do Giro das folias em seu percurso pela zona rural, povoados e as cidades ao redor de Natividade, chegando até a Missa Solene, quando é realizado o sorteio para os festeiros do ano seguinte.

A produção do vídeo-documentário atuou como um ‘registrador’ da festa em si, porém sobre o processo de produção do mesmo, Arnes (1999, p.131) afirma que “mesmo o documentário não é, estritamente falando, o registro de um evento: na verdade, é uma estruturação do evento com características definidas. Não existe, em absoluto, necessidade de que o evento ocorra integralmente de fato no período de filmagem”.

A tecnologia contribuiu para que esse fato ocorresse, pois a partir desse momento, puderam-se documentar as manifestações que ocorriam em determinado local, como por exemplo, as festas populares em que, conforme Canclini (2006, p. 308-309) afirma, as tendências experimentais da arte, os computadores e outros usos do vídeo facilitam obter dados.

O vídeo-documentário tenta seguir didaticamente os acontecimentos da festa em si, estruturando-a. Entretanto, acabam por modificar (ou melhorar) alguns elementos técnicos que compõem o vídeo, como por exemplo, som e imagem, mostrando assim, para as demais pessoas que o evento acontece daquela forma. No entanto, se o telespectador chegar ao local da festa anos depois, ela pode não seguir os mesmos padrões de comemoração estruturados e divulgados no vídeo-

⁶ As Cavalhadas representam o ritual da luta entre o exército de Carlos Magno (cristãos) e os mouros.

⁷ Entrevista concedida no dia 11 de janeiro de 2007.



documentário. Além do vídeo não ter exibido todos rituais que compõem a festividade conforme nos explica Schmidt *apud* Marques de Melo (2000, p. 60) sobre as alterações nas festas populares:

As alterações se processam durante um longo tempo e, quando manifestadas, representam aquele momento em que se dá a manifestação; ou seja, os códigos dessa época predominam e trazem novos significados para a festa. O povo se renova e renasce. A festa reconvertida traz novas dimensões.

Podemos entender que o vídeo-documentário age como um recorte no tempo, mostrando a festa sob a óptica da direção do mesmo mantendo um padrão de como a festa era realizada na época das filmagens, documentando-a, e logo em seguida melhorando-a tecnicamente.

Os nativitanos e o ‘Deus da Luz’

Com o objetivo de relatar o processo de organização e ritualização da festa e de analisar a recepção da comunidade nativiana em relação ao vídeo-documentário produzido sobre a festa do Divino, a pesquisa abordou se da forma como o vídeo foi produzido, ele retratou a festa do Divino como ela acontece, ou seja, se a população viu sua festa tradicional devidamente representada no vídeo-documentário.

A pesquisa trabalhou com referências bibliográficas apoiadas nas teorias da Folkcomunicação e dos Estudos Culturais, nesse caso o estudo de recepção, abordando como essas tradições advindas do cotidiano das culturas populares sofre influência na sua captação pelos meios de comunicação e conseqüentemente é repassada para a sociedade já modificada.

Tomando como exemplo a definição de Hohlfeldt (2002) sobre a abordagem da teoria da Folkcomunicação, podemos dizer que ela pode ser conceituada como o estudo dos processos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular/folclore se expandem, sociabilizam e sofrem modificações por influência dos meios de comunicação.

Já os estudos de recepção, de acordo com a óptica utilizada por Martín-Barbero (2003, p. 304) nos fala que nossos estudos devem partir das mediações, isto é, dos lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural. Logo, para estudarmos os efeitos dos meios de comunicação nas culturas populares/folclore devemos entender essa ‘mediação’, ou seja, o que faz com que haja essa interferência, a transmissão de uma ‘verdade’ em relação à determinada manifestação cultural.

O vídeo-documentário “Deus da Luz: festa do Divino”, objeto de estudo, é encontrado no acervo da Fundação Cultural do Estado do Tocantins, já em processo de análise do objeto e após feita a decupagem do vídeo-documentário, foram contatadas a diretora geral e executiva do mesmo, respectivamente, através de telefone para que fossem realizadas entrevistas livres sobre o documentário.

Mantivemos o contato diário através de e-mails e *chats* on-line, com a pesquisadora Simone Camelo, sobre o perfil dos participantes a serem entrevistados na pesquisa. Partindo disso, ela pôde convidar 15 pessoas que participam e organizam a festa do Divino todos os anos.

Compareceram 12 pessoas para participar da pesquisa. Após a instalação dos aparelhos foi exibido o vídeo-documentário e logo em seguida aplicado o questionário que continha 18 questões discursivas. Entre elas, 7 questões relacionadas com a festa do Divino Espírito Santo e 11 relacionadas à opinião dos espectadores em relação à abordagem que o vídeo-documentário utilizou para explicar sobre o processo de preparação da festa, e se ele condizia com a real situação da manifestação cultural popular daquela cidade, além dos dados de identificação do respondente.

Entrevistamos a pesquisadora e uma das diretoras do Deus da Luz, Simone Camelo, sobre o histórico e como se dá a realização da festa em Natividade, e alguns pontos sobre o processo de produção do vídeo-documentário, finalizando assim a nossa pesquisa de campo na cidade de Natividade. E, ao chegarmos da pesquisa de campo, marcamos a entrevista com a diretora geral do vídeo, Suzana Barros. Escolhemos realizá-la após a pesquisa com a comunidade, pois poderíamos abordar com a diretora à visão dos nativitanos em relação ao documentário, e assim, captarmos através da entrevista suas intenções e objetivos com a produção do vídeo-documentário ‘Deus da Luz: festa do Divino’.

Percebemos que a presença da família é de suma importância na construção do cotidiano de qualquer sociedade. Em Natividade não poderia ter sido diferente. Nossa análise iniciará com o perfil dos entrevistados para melhor analisar as questões abordadas na pesquisa e a partir daí, fazemos um paralelo entre a situação socioeconômica dos entrevistados e a sua conseqüente influência na recepção do vídeo.

A maior parte dos entrevistados é do sexo feminino, mora com a família e são oriundos da própria cidade de Natividade que na época em que chegaram fazia parte do norte de Goiás, região que hoje é o Estado do Tocantins. Sendo assim percebemos que a tradição em torno dessa manifestação cultural foi desenvolvida pelas famílias que habitavam a própria região. Sobre os entrevistados ainda, algum membro da família participa ou já participou como personagem ou da organização da festa, seja como voluntário ou simplesmente sendo devoto do Divino Espírito Santo.

A religiosidade é uma das características mais fortes na festividade, cerca de 90% dos entrevistados são católicos envolvidos com as atividades da Igreja e os outros 10 %, no caso, só um dos entrevistados, é católico de batismo, porém não frequenta a Igreja.

Sobre a participação dos mesmos na festa, em relação à quantidade de anos, 66% participa a mais de 20 anos participam direta e indiretamente da organização da festa do Divino em Natividade. Fazendo um nexo entre esses dados e a teoria da folkcomunicação que foi apresentada nos capítulos

anteriores, as manifestações culturais decorrem do povo e são transmitidas de geração a geração independente das modificações que possam lhe ocorrer.

A maioria dos entrevistados afirma no questionário, que a festa do Divino é importante por causa da manifestação de fé que ela representa, onde as pessoas podem vivenciar e renovar sua fé, além de levar a mensagem de Cristo aos outros lugares, sejam eles na cidade ou na zona rural. Muitos alegam ainda, que ao trabalhar para o Divino, eles retribuem as bênçãos recebidas, e que “as pessoas ficam com o coração bom e ajudam sem pedir nada em troca”, como afirmou Jurucilene Soares, 37 anos e católica⁸.

Outro aspecto abordado no questionário sobre a festa do Divino é que a maioria dos entrevistados considera a festa como uma tradição da cidade, pois averiguamos que seja uma das manifestações culturais mais antigas do Estado do Tocantins, antes mesmo dele ser criado e é passada de geração a geração, como afirma Maria José Machado, 40 anos, católica e mora com a família, ao falar que “é uma tradição, além disto, é uma fé que continua viva, se manifestando no povo católico”⁹.

A devoção ao Divino, o espírito de evangelização e a menção de que a família está sempre envolvida na festividade, são alguns dos tópicos mais presentes nas respostas referentes à festa no questionário. Uma vez que a família está presente nos preparativos e na própria festa, isso será assunto para discussão dentro das residências, na escola dos filhos, no trabalho dos pais, na Igreja, e como a festa geralmente é divulgada nos meios de comunicação do Tocantins, a família tem o contato com as informações relativas a ela. Logo, podemos averiguar que a partir dos fatores citados temos aí a construção da cotidianidade familiar.

A temporalidade social, ou seja, o tempo em que vivemos, e a sua relação com a festa do Divino sofre influência de vários fatores, onde a festa adapta-se de acordo com a época em que é realizada. Tomando como exemplo, o giro das folias. Em alguns anos não foram realizadas porque havia um padre anterior ao atual que era contra o giro das folias, e, de acordo com Simone Camelo “ficar mantendo vários homens sem trabalhar, ele (padre) não encarava isso como uma missão religiosa, encarava mais como uma questão de ficar sem trabalhar, bebendo cachaça, dando despesas para outras pessoas, ele não entendia como uma missão” (informação verbal)¹⁰. Deste modo, a temporalidade social atua nas manifestações culturais como um dos fatores determinantes para a transmissão de determinada cultura.

Já em relação a competência cultural entendemos que a comunidade possui e faz uso desse artifício quando ela se dispõe a ver, considerar e fazer com que essa tradição seja continuada. Por que a

⁸ Resposta de questionário aplicado no dia 11 de janeiro de 2007.

⁹ Resposta de questionário aplicado no dia 11 de janeiro de 2007.

¹⁰ Entrevista concedida no dia 11 de janeiro de 2007.

festa do Divino é uma manifestação cultural popular organizada e pensada pela comunidade para o usufruto dela mesma.

Durante a exibição do vídeo ‘Deus da Luz: festa do Divino’ percebemos que muitos se emocionaram e reconheceram parentes e amigos. O que mais chamou atenção, de acordo com a maioria dos entrevistados, durante a exibição do vídeo, foi, principalmente, o testemunho do Imperador ao dizer que o período de reinado é de purificação, além do giro das folias, onde elas atuam como evangelizadoras.

Outra parte do vídeo-documentário em que os entrevistados se emocionaram e que podemos perceber, foi ao toque da caixa, os devotos falando das graças recebidas, e de acordo com Adélia Camêlo, 56 anos e católica foi “perceber que na festa não há discriminação de pessoas: pobres e ricos se alegrando juntos, celebrando a sua fé no Divino Espírito Santo”¹¹.

Ao serem indagados sobre o que acharam do vídeo-documentário e sua abordagem, a maior parte considerou ‘bom’, pois mostrou um pouco da cultura nativiana e os pontos-chave da festa, entre eles, um pouco da história sobre a sua chegada ao Brasil, o momento da saída das folias, o giro, o encontro das folias, a esmola geral e a festa do Capitão do Mastro e do Imperador, além, é claro, da devoção do povo nativiano.

Entretanto, os entrevistados sentiram falta de alguns ritos considerados de extrema importância para a significação da festividade para os nativianos. A principal queixa foi em relação à explicação dos 7 dons do Espírito Santo, que são considerados como alicerces para a organização da festa.

Outros entrevistados apontaram ainda que deveria ter sido mais explorado no vídeo os momentos de trabalho realizado por cada grupo em diferentes locais, como por exemplo, as mulheres que cuidam de toda a parte de alimentação e artesanato da festividade que vai desde a ornamentação da igreja, a confecção da paçoca (as pessoas assam a carne do gado e depois ‘pelam’ a paçoca), a produção dos bolos entre outros rituais.

Um outro ritual da festa do Divino que ficou fora do documentário e que foi sentido pela maioria dos entrevistados foram os preparativos do Imperador, a transferência da coroa e dos instrumentos do Divino para os próximos festeiros. Simone Camelo confirma essa deficiência no vídeo-documentário ao afirmar que “os momentos mais fortes de emoção, que é quando você recebe os instrumentos do Divino, que não é só a coroa, é o manto, o cetro, a salva, significa que você está ali vestido com todos os trajes e você é o grande responsável por aquilo, você está chefiando, e está sobre o poder do Espírito Santo” (informação verbal)¹².

¹¹ Resposta de questionário aplicado no dia 11 de janeiro de 2007.

¹² Entrevista concedida no dia 11 de janeiro de 2007.

A maioria dos entrevistados, por mais que tenham dito na pergunta que tratava em saber se fariam alguma mudança no vídeo, responderam que não mudariam ‘nada’, contradizendo-se ao afirmar que acrescentariam algumas cenas que foram suprimidas na edição do mesmo, como citamos nos parágrafos anteriores.

Percebemos que como os entrevistados organizam e participam da festa, ficou mais fácil chegar à hipótese dessa pesquisa, a qual se deduzia que o vídeo-documentário não reproduziu a festa do Divino como ela realmente é para a comunidade nativitana por causa da falta de alguns rituais considerados de extrema importância e significação na festa do Divino Espírito Santo.

Sobre a edição do vídeo, foi-nos explicado porque alguns rituais da festa não puderam ser abordados no documentário. Suzana explica que as imagens foram captadas por dois anos e ficaram paradas, pois não tinham verba para a edição do vídeo. E quando resolveram editar o vídeo, aconteceu de maneira inesperada para a equipe.

Por um acaso, o atual prefeito de Natividade era despachante na época das filmagens, daí tinha um evento na cidade e ele queria mostrar. Ele nos ligou e perguntou por que tínhamos começado e não finalizado o projeto. Foi quando falei que tínhamos feito até quando conseguimos de graça e faltava a parte cara do projeto, que era a edição. Ele conseguiu a verba para que editássemos o vídeo, só que com um problema, ele conseguiu a verba na sexta-feira de noite e precisava do vídeo na segunda-feira (informação verbal)¹³.

A edição do vídeo foi realizada durante dois dias: sábado e domingo. “Tivemos que fazer um trabalho mais jornalístico, pegando as imagens que serviam, pois se tivéssemos tido mais tempo, tínhamos pegado imagens melhores para colocar, outro depoimento que foi melhor que servia para representar, para encaixar melhor” (informação verbal)¹⁴.

Alguns aspectos da festa foram suprimidos ou até mesmo deixando de ser filmados, pois como a equipe só tinha dias determinados para gravarem, não puderam pegar maior quantidade de imagens em relação aos preparativos da festa. A equipe chegava quando estava tudo pronto e só faltava realizar o ritual em si.

Percebemos que, o que interferiu no êxito do vídeo-documentário diante os nativitanos foi a inexistência dessas imagens, ou seja, da valorização do trabalho que a comunidade realiza para organizar todos os anos a festa do Divino, além das imagens da transferência da coroa para o Imperador que para os entrevistados traduziram melhor para as pessoas que não conhecem a festa, o sentimento de devoção e emoção que ela representa para os nativitanos.

Para a diretora-geral, Suzana Barros, o que interferiu no vídeo foram os problemas de ordem financeira que atuaram diretamente na qualidade e aproveitamento final do mesmo. Ou seja, quando a

¹³ Entrevista concedida no dia 25 de janeiro de 2007.

¹⁴ Entrevista concedida no dia 25 de janeiro de 2007.



equipe conseguiu a verba para a edição do vídeo teve que ser às pressas fazendo com que o seu produto final não fosse de melhor qualidade. Em síntese, a equipe que produziu o vídeo Deus da Luz, não teve tempo e nem dinheiro, não tiveram recursos para que se executasse um trabalho com maior qualidade e não tiveram tempo para analisar e editar o vídeo de acordo com o projeto inicial.

Considerações Finais

Os hábitos que adquirimos durante todo o tempo que vivemos, principalmente os culturais, são advindos da cotidianidade. Essa cotidianidade é construída no seio da família. E, é lá que obtemos toda a base social e cultural para a convivência com o meio.

O indivíduo que, em algum momento, manteve o contato com outras formas de expressão cultural que sejam equivalentes a que ele vivenciou perto de sua família sempre retrocederá aos princípios da mesma, pois ela que lhe repassou os princípios sociais e culturais.

De acordo com a pesquisa percebemos que desde o início existe uma miscelânea muito grande entre a tradição e a religião e que um se apóia no outro para que se dê continuidade a essa tradição de Natividade: a festa do Divino Espírito Santo.

Deduzíamos que o vídeo-documentário não reproduziu a festa do Divino como ela realmente é para a comunidade nativitana, e realmente, não reproduziu. Os entrevistados aprovaram o vídeo, porém perceberam a falta de alguns itens que consideravam como essência na representação da festa.

Algumas respostas referentes à festa e ao vídeo foram tendenciosas. A maior parte dos entrevistados quis agradecer a pesquisadora para que nós não tivéssemos uma imagem negativa da festa, pois ela se encontrava no momento em que eles respondiam os questionários. Então, podemos afirmar que a interferência da pesquisadora Simone Camelo atrapalhou mais na parte relacionada a festividade em si do que ao vídeo.

A equipe cinematográfica falhou ao contar com o acaso e com a cooperação de todos. Idealizaram um projeto em que a colaboração e o voluntariado estivessem presentes e que toda a produção tivesse custo zero. Essas idéias podem até dar certo, mas para isso alguns pontos devem ser levados em questão: a equipe deveria ser a mesma do início ao fim do projeto, principalmente, o cinegrafista, que até mesmo a diretora-geral nos confessou que cada cinegrafista tem uma óptica diferente em relação ao que está acontecendo. Não dá para fazer uma colcha de retalhos. Deveria, também, ter um número maior de pessoas no que tange a captação de imagens das três folias, pois são folias diferentes que vão para lugares diferentes nas quais acontecem coisas distintas.

E, a idéia do vídeo-documentário, de acordo com a pesquisadora e a diretora-geral, foi produzí-lo nos moldes do voluntariado e da confraternização assim como acontece na organização e na preparação da festa do Divino Espírito Santo.



Por mais que seja importante para alguns a preservação da cultura de uma comunidade ou Estado, ainda não foi criada aqui essa tradição de cuidar do que é nosso. Apesar de termos um estado novo, o Tocantins é rico em manifestações culturais que devem ser mantidas e preservadas, mas que não sejam produzidas de qualquer jeito, que sejam realizados com profissionalismo e com seriedade.

Referências

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira: significados do festejar, no país que ‘não é sério’**. São Paulo: USP/FFLCH, 1998, p. 199 – 226.

ARMES, Roy. **On Video**, [tradução de George Schlessinger]. – São Paulo: Summus, 1999.

CANCLINI, Nestor García . **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**; tradução Heloisa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da introdução Gênese Andrade. 4ª ed. 1. reimpressão – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

CLETISON, Joi. **Festas do Divino Espírito Santo**. Disponível em <http://www.nea.ufsc.br/artigos_joi.php>. Acesso em 25 de outubro de 2006.

DEUS DA LUZ – Festa do Divino. Direção de Suzana Barros. Produção de Maria Arienar e Raimundo Penaforte. Palmas, 2003. 1 DVD (17 min e 54 seg.), son, color.

ENCICLOPÉDIA Wikipédia. **Espírito Santo**. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Esp%C3%ADrito_Santo>. Acesso em: 25 de julho de 2006.

HOHLFELDT, Antonio. Novas tendências nas pesquisas da folkcomunicação: pesquisas acadêmicas se aproximam dos estudos culturais. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**. Bahia: Salvador, 2002.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia** - Prefácio de Nestor García Canclini; Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003. (pág. 289 – 314)

MARQUES DE MELO, José. **As festas populares como processos comunicacionais: roteiro para o seu inventário no limiar do século XXI**. Libero, Ano III, V. 3, nº 6, 2000, p. 56-63.

MAYNARD ARAUJO, Alceu. **Cultura popular brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1973, pág. 15.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira** – São Paulo: Brasiliense, 2001;

PEREIRA, Carla Rocha. **Devoção e identidade: A festa do Divino Espírito Santo da Colônia Maranhense no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). IFCS/PPGSA, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em <http://www.ifcs.ufjf.br/~ppgsa/mestrado/Texto_completo_241.pm.pdf>. Acesso em 24 de novembro de 2006.

POLISTCHUCK, Llana, TRINTA, Aluizio Ramos. **Teorias da comunicação: o pensamento e a prática do jornalismo** – Rio de Janeiro: Campus, 2003.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e da mídia**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004. p.382-385;

THOMPSON. John B. - **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**; tradução de Wagner de Oliveira Brandão; revisão da tradução Leonardo Avritzer – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TOCANTINS (Estado). Fundação Cultural do Estado do Tocantins. **Manifestações Culturais**. Disponível em <www.portaldocidadãoto.gov.br/cultura>. Acesso em 18 de julho de 2006.